

# II CONGRESSO DOS COMBATENTES PORTUGUESES

(CIRCULAR)

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

A Comissão Administrativa da Liga dos Combatentes da Grande Guerra nomeou uma comissão composta dos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Comandante Fernando Augusto Pereira da Silva, como Presidente; Dr. Mac-Brid, Vice-Presidente; Dr. José Pontes, Tenente António José de Campos Rego e Capitão Artur Gerardo Bastos dos Reis, Vogais; António Antunes, Tesoureiro e o signatário como Secretário Geral, afim de organisarem o II Congresso dos Combatentes Portugueses, a realizar em meados de Outubro, na cidade de Coimbra.

Contamos com des:outo nos Caminhos de Ferro e nos Hotéis, bem como várias facilidades, para o que temos o patriótico auxilio da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, Sociedade de Turismo, Imprensa, etc., todos apostados em rolearem os Congressistas daquela assistência moral digna duma cidade que tem fôros bem justificados de hospitaleira.

Paralêlamente com os trabalhos do Congresso, realizar-se hão visitas a museus e aos arredores, para o que esperamos o concurso de professores eruditos que obsequiosamente servirão de cicerones.

Mais uma vez, os Combatentes da Grande Guerra vão afirmar a sua vitalidade, erguendo a voz pelos direitos sagrados das viúvas, órfãos e mutilados, estudando as leis de protecção e defesa de forma a ser lícito esperar melhores dias para os homens que pela Pátria lutaram na França, África, Mar e Ar.

Esperando a vossa cooperação e a devolução do presente boletim devidamente preenchido e assinado, desejo

Saúde e Fraternidade

O SECRETARIO GERAL, EDUARDO DE FARIA.

**D**ESNECESSÁRIO se torna encarecer a conveniência de todos os Combatentes tomarem parte nos trabalhos do II Congresso a reuoir em Coimbra no mês de Outubro, para que se possa enveredar num caminho de realizações práticas e positivas, para que o estudo que os delegados vão fazer possa resultar proficuo.

Há uma série de problemas que não perderam, ainda, o momento de serem resolvidos a contento de todos; há uma quantidade de anomalias que nos chocam e que é preciso evitar neste mar encapelado da ingratidão humana; há legislação dispersa por vários ministérios, anulando-se reciprocamente, guerreando-se na sua essência fundamental, não sabendo ver nem apreciar o que é justo e injusto, não sabendo demarcar a fronteira que separa o esquecimento do despreço.

A tantos anos de guerra, ela subsiste ainda no transe doloroso em que vegetam os homens que se bateram pela Pátria. A tantos anos de guerra, há processos que ainda não foram julgados pela junta respectiva; há combatentes vivendo na miséria e votados a um abandono que con-frange; há órfãos ainda por recolher no seu asilo; há mutilados com os aparelhos primitivos, sem reeducação profissional e sem reparações do que perderam; há viúvas que nada usufruem por ignorância das alca-valas do funcionalismo público; há fome, há ódio vêsgo, há um esque-cimento propositado e réincidente da parte daquêles que tinham obrigação de verem e apreciarem um tal estado de coisas.

Do I Congresso dos Combatentes, realizado em 1929, alguma coisa ficou. Foram aprovadas, por aclamação, uma série de votos que viriam beneficiar tanto infeliz e dar a César o que era de César, abrindo o caminho para um estudo mais demorado, facilitando a missão do legis-lador, dando aso a que encerrassem de vez êsse ciclo tortuoso em que vivemos há algum tempo.

¿E que resta dessa obra que tanto trabalho deu a levantar?

Uma dezena de resoluções que dormem o sono dos justos numa ga-veta; umas fôlhas de papel que quasi não se deram ao esforço de lêr; uma ótima ocasião perdida para a Justiça poder raiar liada e magnânima.

Impõe-se uma participação no II Congresso, a realizar em Outu-bro. É necessário que todos dêem a sua quota parte na sua execução.

Será mais uma oportunidade para provar que a « maldita praga » dos combatentes não se extinguiu ainda; será o grito clamoroso de soli-dariedade para os nossos camaradas mais pobres e mais sacrificados; será o limar de arestas para que a obra se apresente perfeita; obra trabalhada com isenção e patriotismo.

Levaremos todos para lá a pureza das nossas intenções e a vontade de acertar.

Justiça pedida para todos: Para as viúvas, para os órfãos, para os mutilados, para os inválidos, para os sacrificados.

Que cada um sinta na alma a rijesa do diamante; sendo forte porque é necessário, sendo oportuno porque é preciso, sendo apóstolo porque é extremamente urgente o aparecimento de homens que trabalhem pela colectividade.

Nada de divisões entre nós. Todos unidos, passando firmes nos seus propósitos, marchando resolutos e em linha recta, por entre as risadinhas dos imbecis, por entre o coaxar das rãs dos pantanos, por entre o ladrar dos cães que investem com a própria lua.

EDUARDO DE FARIA.